2.° Anno Lisboa, 14 de Dezembro de 1885 Numero 22

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Afóra o caso tragico do Limoeiro, e a scena commovedora da reconciliação progressista, no acto de ser proclamado o chefe supremo, não houve nada, pela semana fóra, que nos prendesse as attenções; e se houve, não démos por tal.

No entanto, aquelles dois factos bastaram de per si sós para que a *reportage* indigena não fosse uma synecura e para que a policia e a politica — as

A PRINCEZA DAS ASTURIAS

duas entidades mais activas do paiz — não podessem ter um momento de repouzo.

E' conhecida a tragedia do Limoeiro com todos os seus promenores sangrentos. Dois inquilinos d'aquella casa immunda, um hespanhol, preso por assassino, e outro portuguez, engaiolado por ladrão, acariciavam desde ha muito no espirito o risonho projecto d'uma fuga a deshoras da noite, com escalada, e arrombamento, e tudo o mais que preciso fosse para conseguirem aspirar o perfume suavissimo dos laranjaes, fóra dos ferros d'elrei.

A possibilidade da realisação d'esse projecto encantava-os. Condemnado um a degredo perpetuo, e o outro a oito annos de carcere, o futuro apparecia-lhes negro, sem alegrias, nem sorrisos, nem esperanças.

Fugir era o ideal supremo de ambos. O hespanhol concebeu o plano, o portuguez prometteu-lhe auxilio, juraram os dois dedicação reciproca para a vida e para a morte, e a fuga realisou-se, uma fuga audaciosa, que faz lembrar as escapadas lendarias da Bastilha em épocas remotas.

Pela noite alta, noite negra e fria, quando os guardas enregelados dormiam a somno solto, e o ceu despejava cá para baixo um dos seus aguaceiros mais rijos, os dois camaradas do crime procediam, muito socegadamente, ao arrombamento do telhado da prisão; desciam do alto d'um quarto andar até aos fossos do Limoeiro, escorregando por uma corda de esparto adrede preparada para o acto; assassinavam a sentinella, que cabeceava somnolenta na penumbra da guarita, e punham-se em fuga pelas ruas solitarias fóra, achando delicioso vêr cair a chuva das alturas brumosas do espaço, recreiando-se, como dois collegiaes esfaimados de liberdade, na contemplação d'uma nesga do Tejo, que enxergavam lá ao longe, a oriental-os n'aquella sua escapulida arrojadissima.

Mas, decididamente, o portuguez não estava em sorte, e para tudo se quer sorte n'este mundo. Quando o espirito começava a povoar-se-lhe d'umas miragens feiticeiras, e o tempo de reclusão já soffrido lhe apparecia como um sonho mau, de todo extincto, a municipal noctivaga tem o capricho estravagante de embirar com elle, com elle só; destroe-lhe, n'um momento, todas as fanthasias côr de rosa; dá-lhe em vasa barris com todas as chimeras; desmancha-lhe, com um sopro, o castellinho das suas mais risonhas aspirações, architectado em longas noites de vigilia; e, talvez sob o pretexto de que chovia a cantaros, — um pretexto frivolo, — recolhe-o de novo ao Limoeiro, offerecendo-lhe aposentos no rez do chão do predio.

O outro, o hespanhol, foi-se em paz, protegido pelas sombras da noite, e pela fortuna que nunca desampara a verdadeira audacia. Lá anda, Deus sabe por onde, por montes e valles, talvez, saboreando as delicias da evasão, e aspirando a largos sorvos o ar embalsamado das campinas, sem que lhe morda na consciencia o espinho lancinante do remorso, sem que lhe agite os somnos, dormidos sob a ramagem do arvoredo ou sob o tecto humido de qualquer arribana solitaria, a lembrança do companheiro preso. Patife da mais asquerosa especie, scelerado da peior e mais torpe raça, não terá sequer um estremecimento, ao reconstruir no espirito embrutecido e negro as peripecias das suas ultimas façanhas criminosas. Dormirá socegadamente sobre o passado, achando naturalissimo tudo quanto fez, epilogando com um sorriso cynico os infortunios do compromettido cumplice.

Dois problemas nos offerece este caso profundamente tragico do palacio do conde Andeiro, que permanecem ainda indecifraveis, apesar de todos os interrogatorios feitos ao preso, a despeito de todas as diligencias empregadas para descobrir o rastro do fugitivo.

Quem matou a sentinella, vibrando-lhe um golpe de thesoura n'um ouvido? Onde se acoita o hespanhol, que ainda não poude ser agarrado, tendo a policia posto a preço a sua cabeça, como os inglezes pozeram a preço a cabeça de Olivier Pain e do Mahdi? Ninguem o sabe.

João Lourenço, o portuguez, diz que não foi elle quem assassinou o misero soldado, e jura-o, n'umas juras pronunciadas friamente, sem lagrimas na voz, nem tremor nos labios, fazendo recair sobre o companheiro livre toda a responsabilidade do hediondo crime. E todavia, é em poder d'elle que se encontra a folha da thesoura aljofrada de sangue, do mesmo sangue de que ainda conserva laivos no barrete e no fato. Se isto não basta para o podermos reputar verdadeiramente criminoso, então já não ha indicios que sirvam, presumpções que valham e pezem.

Como succede sempre em taes casos, a guarda da cadeia foi reforçada depois de commettido o crime; deitaram-se rebocos de segurança nas paredes vetustas do pardieiro immundo; soldaram-se alguns ferros partidos d'aquellas gradarias desconjuntadas e ferrugentas. João Lourenço foi enclausurado nas enxovias mais seguras, com sentinella á vista; todas as attenções estão hoje fixas sobre elle; e emquanto a vigilancia dos carcereiros ferozes se exerce ali, no ponto perigoso, outros reclusos temiveis escapar-se-hão a salvo pelos pontos fracos do edificio — que são muitos — rindo-se, como Antonio Martinez, o hespanhol fugitivo, da imbecilidade dos guardas e da *esperteza* da policia.

E d'ahi, talvez que evadindo-se de vez todos os criminosos do Limoeiro, nós conseguissemos afinal ver demolido aquelle antro medonho, onde se faz a aprendizagem da crapula e do vicio. Ha males que veem por bens, e d'esse mal resultaria, quem sabe, para nós todos, um beneficio enorme!

Mais feliz do que a policia, que não conseguiu recapturar o cumplice de João Lourenço, o partido progressista poude finalmente encontrar um chefe, na pessoa do sr. José Luciano. S. ex.ª foi acclamado por entre vivas estridulos, bravos enthusiasticos e sonoros, palmas vibrantes, lagrimas de commoção, abraços de concordia, osculos de paz e d'amor, explosões de rhetorica, e brindes com Champanhe Clicot, fornecido pelo Baltresqui.

N'aquella sessão magna, *segun se cuenta*, sellaram a amizade os ramos dissidentes do partido. Depois d'aberto o *bufete*, extinguiram-se para todo o sempre, no seio da grande familia progressista, os frementos da discordia que a traziam desunida, indisciplinada, irrequieta, desharmonica. O reverendo conego Alves Matheus lançou a benção canonica sobre os irmãos desavindos, e isso bastou para que se dessem por esquecidos todos os aggravos, por apagados todos os resentimentos.

Congratulando-nos pelo auspicioso inicio da nova era progressista, fazemos votos para que o sinistro aviso do astrologo de Aragão, que prophetisa um Natal acompanhado de ventos, chuvas, raios e coriscos, não exerça influencia perniciosa sobre a santa familia congraçada, alterando a paz na rua do Alecrim.

E emquanto não se realisa a prophecia do Bandarra aragonez, permitte-me, leitora, que eu vista a minha melhor andaina de fato domingueiro, para ir exercer o sagrado direito junta da urna.

D'esta vez, excepcionalmente, a Chronica reputa como uma obrigação imprescindivel o exercicio escrupuloso d'aquelle direito, e sae do remanso em que vive, para ir eleger os novos vereadores.

Por quem vota não t'o diz, que é segredo, mas tu facilmente o adivinhas. E d'ahi, talvez que não!

CASIMIRO DANTAS.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

A LEGIÃO EM PARIS

Por mais que nos empenhemos em não ceder a um vão sentimento de orgulho patriotico, e em vêr as coisas como effectivamente ellas são, não podemos deixar de reconhecer que effectivamente Napoleão tinha em elevada conta os nossos soldados, e procurava de todos os modos conquistar-lhes o affecto.

A meia brigada portugueza, que tão brilhantemente se portára em Wagram e que fôra tão amplamente recompensada pelo imperador, depois de passar do corpo de exercito de Oudinot para o corpo de exercito de Davout, seguio o exercito francez, quando este, feita a paz, evacuou o territorio austriaco. Ainda assim, a retirada fez-se vagarosamente, e o corpo de exercito do novo principe d'Eckmühl tomou os seus quarteis de inverno na margem esquerda do Danubio, nas proximidades da cidade de Passau, nas pequenas aldeias e villas que a rodeiam, seguindo emfim, em janeiro de 1810, para territorio bávaro, acampando na margem direita do Inn, nas proximidades de Braunahc, onde o principe d'Eckmühl estabeleceu o seu quartel general. Alli estavam os Portuguezes, tambem, quando se annunciou que ia por alli passar a nova imperatriz dos Francezes, a archiduqueza Maria Luiza.

Effectivamente não tardou a apparecer a segunda mulher de Napoleão I, que foi acolhida com todas as honras militares, figurando entre os batalhões que lh'as prestavam os cinco batalhões portuguezes. A imperatriz vinha assustada e tremula, como victima devotada ao sacrificio. Uma chuva formidavel não consentio que as festas, que se lhe preparavam no acantonamento do principe d'Eckmühl, fossem tão brilhantes como se esperava. Pouco se demorou em Passau a archiduqueza, e seguio para Munich, e poderam depois dizer os Portuguezes que tinham sido os primeiros a ver passar por diante de si a estrella funesta do Imperio.

O corpo de exercito de Davout continuou retirando pela Baviera lentamente, e ao acampar em Ratisbonna, appareceu-lhe um dos officiaes mais sympathicos da legião, o general Gomes Freire de Andrade, que tomou o commando das forças portuguezas, retirando D. José Carcome para Paris. Gomes Freire estabeleceu o seu quartel-general n'um formoso castello de architectura gothica, chamado o castello de Henfunfelds, acampando a legião n'aquellas formosas planicies da Baviera, tão ricas e cultivadas. Passaram alli agradaveis dias os nossos soldados, dias amargurados apenas pelo pensamento de que a essas horas os seus patricios estavam combatendo energicamente pela independencia nacional contra essas mesmas aguias para cuja gloria elles acabavam de contribuir.

Tendo-lhes passado revista o marechal Davout, fel-os manobrar, e, reunindo depois em torno de si os officiaes superiores, testemunhou-lhes o apreço em que tinha a disciplina e a apparencia da legião, sendo esses elogios depois repetidos em ordem do exercito.

A 30 de abril de 1810 pozeram-se as forças portuguezas em marcha para Wurtzburgo, d'ahi seguiram por Moguncia, onde estiveram de guarnição até 10 de maio. De Moguncia partiram para Metz, cidade que os encantou e onde se demoraram até agosto. Em 1810 tremulavam em Moguncia, cidade allemã, as aguias imperiaes francezas; em 1885 tremulam em Metz, cidade franceza, as aguias imperiaes allemãs. São as implacaveis retaliações da historia.

Em agosto de 1810, a legião, commandada de novo por D. José Carcome, porque Gomes Freire de Andrade partira para a Suissa, como adiante diremos, recebeu ordem de seguir para Paris, pela estrada de Chalons e de Meauxe.

A entrada em Paris impressionou profundamente os soldados, que nunca tinham presenciado as maravilhas d'essa immensa cidade, que era então devéras a capital do mundo civilisado, o centro d'esse immenso e ephemero imperio, fundado por um novo Carlos Magno.

Então é que Napoleão se esmerou em encher de mimos e de caricias os soldados portuguezes. Em primeiro logar fel-os aquartelar na caserna de um dos regimentos de artilharia da guarda imperial, chamado quartel da Ave Maria. A quem sabe os commodos e as vantagens especiaes de que gosavam os regimentos d'esse corpo privilegiado vê bem que a escolha d'este quartel era já uma altissima distincção concedida ás tropas estrangeiras.

Em segundo logar quiz passar uma revista á legião, em taes condições de pompa excepcional, que bem se mostra que Napoleão tinha um empenho especialissimo em captivar estes filhos do Occidente, que tinha á força arregimentado á sombra das suas bandeiras.

Formou-se a legião, composta n'esse momento apenas de cinco batalhões de infanteria e quatro esquadrões de cavallaria, na praça Vendome. D'ahi marchou para as Tulherias, e ao transpôr o vasto portico, ficou devéras deslumbrada com o espectaculo que se lhe offereceu. O grande imperador, cercado de todo o seu estado-maior e de muitos dos seus marechaes, esperava a cavallo a legião portugueza. Os lados da immensa praça estavam guarnecidos por alguns batalhões da guarda imperial, e pelos esquadrões de mamelucos da mesma guarda, cujo uniforme estranho e oriental punha uma nota estranha n'aquelle concerto bellico. A's janellas do palacio estavam a nova imperatriz Maria Luiza, rodeiada das damas e de muitas outras senhoras da côrte imperial, e no meio d'aquellas pompa militar e cortezã, ao som dos hymnos marciaes de um grande numero de bandas de musica, desfilavam os soldados portuguezes, deslumbrados por todos aquelles esplendores, e docemente acariciados no seu amor proprio por aquellas distincções extraordinarias.

Formando a legião em columna de meios batalhões com pequenas distancias, passou-lhe Napoleão revista. Era de uso no grande exercito apresentar no momento da revista qualquer soldado raso ao grande imperador as suas reclamações, que eram sempre satisfeitas sem demora no caso de serem justas. O soldado que queria fallar, quando Napoleão passava por diante d'elle, batia a arma. O imperador parava logo, e ouvia-o com bondade.

Foi o que succedeu com um soldado da legião portugueza. Bateu a arma e o imperador parou logo, visivelmente encantado de vêr que os soldados portuguezes já não hesitavam em se lhe dirigir. O soldado disse-lhe que estavam sendo pagos em dia, mas que um mez atrazado, o de dezembro de 1809, ainda se lhes devia.

No dia seguinte estava a divida satisfeita

Terminada a revista, formou a legião em grandes divisões; Napoleão collocou-se no centro da praça, cercado pelo seu major-general e por varios marechaes, e com a sua voz forte e sonora, perguntou á legião se queria ir a Portugal dizer aos seus compatriotas que eram os inglezes os seus verdadeiros inimigos, que eram elles os oppressores e os tyrannos, e que o dominio napoleonico só lhes garantia glorias e vantagens. Este discurso, apesar de todos os preliminares, esfriou um pouco a legião. Houve comtudo alguns grupos que responderam de um modo affirmativo e caloroso, outros applaudiram sem perceberem o que se lhes dizia, e deu-se como assente que a legião prestaria juramento de fidelidade ao imperador, e estava prompta a ir a Portugal combater contra os Inglezes. Comtudo, nunca foi, como é sabido. A' cautella!...

Quando porém o enthusiasmo recresceu, sincero e espontaneo, foi quando Napoleão lhes disse: *«Quero dar-vos uma prova da estima em que tenho o vosso valor, fareis, durante um mez, a guarnição da minha capital»* Longos e estrepitosos vivas acolheram estas palavras.

Terminada a ceremonia, e distribuidas mais algumas cruzes da Legião de Honra, a legião desfilou em continencia e recolheu ao quartel. Os coroneis já ali encontraram bilhetes de convite dos coroneis da guarda imperial para um jantar militar.

A's tres horas sairam do quartel os differentes batalhões e esquadrões, levando cada um d'elles á sua frente um capitão da guarda imperial. Na vasta praça do quartel de caçadores a cavallo estavam as mezas do banquete de cavallaria, mezas com mil e quatrocentos talheres para officiaes, officiaes inferiores e soldados. O jantar foi magnifico e deslumbrante: tocavam durante elle as musicas, e no fim houve danças e fogo de artificio. O mesmo se repetia nos outros quarteis, e ás dez horas os regimentos portuguezes regressavam aos seus aquartelamentos debaixo de fórma, encantados, entontecidos com todos estes testemunhos de consideração e estima.

E no outro dia a população de Paris viu com espanto a legião portugueza fazer guarda ás Tulherias juntamente com a guarda imperial, honra que nunca fôra concedida a tropas estrangeiras, nem mesmo a tropas francezas alheias á Guarda.

Já dissemos as palavras amaveis que Napoleão dirigira em Fontainebleau ao conde da Ega, mas devemos accrescentar ainda que fallou ao fidalgo portuguez logo depois de ter fallado ao imperador da Russia, e antes de se dirigir a qualquer outro diplomata.

Finalmente, como era necessario preencher os quadros da legião com soldados hespanhoes, assim se fez, por não haver Portuguezes bastantes; mas houve um regimento da legião, regimento escolhido, formado exclusivamente de companhias de granadeiros e de atiradores, que não podia ser formado senão com soldados portuguezes, sendo expressamente prohibido que n'elle sentasse praça um soldado só que fosse de qualquer outro paiz, como se Portuguezes só fossem dignos de entrar n'um regimento *d'élite*!

Em presença de todos estes factos, póde attribuir-se a vaidade nacional o dizer-se que Napoleão se esmerava em captivar o affecto dos Portuguezes, e os tinha, realmente, como soldados, na mais elevada conta?

PINHEIRO CHAGAS.

ATRAVEZ DOS SECULOS

O globo estava escuro, o firmamento—baço;
Arrebatado na aza invisivel dos ventos,
Eu ouvia gemer no indefinido espaço
As velhas gerações e os seculos poentos.

Filhos de antigos sóes, filhos dos novos dias,
Monstros, idolos, reis, virgens de rostos pulchros,
Corpos vasios d'alma, almas—de amor vasias,
Erguiam-se a meus pés, do fundo dos sepulchros.

Como ondas que as marés vão arrojando ás plagas,
N'um denso remoinho electrico de gritos,
Eu via o turbilhão d'essas humanas vagas
A ferver no cairel dos tempos infinitos.

A guerra fratricida, a tyrannia, o roubo,
A prostituição, as tramas hediondas,
Messalina—a devassa, Heliogabalo—o lobo,
Todos vi, a rolar, arrastados nas ondas...

E o vento cada vez tornava-se mais forte,
E o ruido crescia, e a tréva era mais densa...
N'isto, ouvi rebentar dos vagalhões da Morte
Um grito, que ecoou pela abobada immensa..

E subito acalmou-se a agitação das massas.
O vento me depoz. Um estellino albor
Vinha lavando o céu das lugubres fumaças:
Era a constellação das lagrimas do Amor.

Brazil. AUGUSTO DE LIMA.

UM BARCO SOBRE O TEJO

Na pequena aiola, negra como a aza de um corvo, leve como a penna de uma aza, os dois vogavam.

O barco escorregava á flor da agua profunda, retinta do azul ardente e luminoso dos golfos de Napoles.

A tarde de junho, de uma suavidade transparente, finamente miniaturisada, apagava no rio, que se quebrava em macias ondulações de *moiré*, os ardores do sol peninsular.

Ao longe, na linha côr de perola da barra, esbatiam-se docemente velas brancas, fluctuando no espaço como lenços agitados por mãos invisiveis, em um adeus saudoso, e cerca do Bugio, recortavam-se quilhas de navios, botes microscopicos, pennachos de fumo espiralando subtilmente a poeira azul que descia do céo e que subia do mar.

Ah! como elle a adorava, o enthusiasta adolescente, áquella loira seraphica, que encontrára um dia, divagando pensativa em uma das alamedas do Campo Grande!...

Alberto tinha chegado n'essa manhã de Coimbra; viera a férias, feliz com a auspiciosa conclusão do seu quarto anno juridico.

Trazia intacta no coração a florescencia dos vinte annos, a rara e embriagadora fragrancia das illusões, mesmo depois de ter cursado as aulas e de ter convivido com os pseudo-scepticos, seus condiscipulos.

A alma exuberante de sensibilidade, o espirito habitado pela chimera, a fantasia enlevada em sonhos côr de rosa, o caracter effusivo e crédulo, guiavam-o, instinctivamente, para o amor romanesco, divinisado, na musica, pelos maestros, e cantado, nos poemas, pelos trovadores.

Alberto lera uma vez, e não esquecera nunca, a sentimental definição do amor, escripta por um célebre poeta francez: «Jubilo e dôr, embriaguez e febre, philtro e veneno. Inebria e mata.»

Morrer de amor!... Quantas vezes evocára elle essa divina morte, fitando as flexuosas margens do Mondego, bordadas da folhagem miuda dos salgueiros, vogando sósinho em um barco ao cair da tarde, quando o rio canta docemente e as arvores, abrazadas na derradeira flamma do crepusculo, parecem curvar-se para escutal-o...

E n'aquella loira de perfil slavo, de pupilla azul, avivada pelo bistre das olheiras, sombreada pelo traço correcto e fino das sobrancelhas pretas, de bocca humida, cortada em arco de flecha; que scismava, fitando as boas arvores silenciosas e colhendo as pequeninas flores rasteiras que debruavam os taboleiros de relva, Alberto viu a viva e absoluta personificação do amor, do sublime amor que inebria e mata!

A principio, ella resistira-lhe.

Não acreditava na constancia das paixões, horrorisava-a a traição, repugnava-lhe a vil e odiosa cobardia do homem que mente á fé jurada.

Os paes tinham-a casado com um velho: enviuvára, herdando a modesta fortuna do marido... Adquirindo a desejada independencia, protestára não abrir nunca o coração aos desenganos, ás pungentes torturas que descontam em lagrimas os inebriantes e fugazes jubilos do primeiro amor.

Nenhum homem lográra até alli desvial-a da sua deliberada isenção.

Vivia de fantasias e sonhos, como as borboletas do nectario das rosas.

Não seria feliz, não era de certo, mas pelo menos ninguem viria manchar com o seu halito impuro o sacrario, onde ella guardava, recatando-a dos contactos profanos, a immaculada virgindade do seu amor.

Não era preciso tanto para endoidecer Alberto.

O pobre rapaz daria, sem hesitar, annos de vida para conquistar a regalia de poder transpor, ébrio de felicidade, o limiar do sanctuario.

Um dia, mesmo sem se ver constrangido a appellar para o tragico expediente de Werther, que passou de moda, Alberto ouviu Gracinda dizer-lhe á queima-roupa, a face incendida no pudico rubor da noiva ingenua, que o amava, que não podera resistir á fascinadora eloquencia da sua voz; e repetiu lh'o uma e mil vezes, atirando-se-lhe aos braços, envolvendo-o no voluptuoso ardor das suas caricias de bacchante... inconsciente.

Alberto sentiu-se feliz e orgulhoso como um semi-deus.

A loira Eva paradasiaca, coberta pela juba dos seus cabellos fulvos, desenrolando-se em ondas de oiro, distillando dos labios frescos o perfumado mel dos beijos, exhalando do seio, como a branca flôr do jasmineiro, o aroma da carne sadia e casta, irradiando nas pupillas de um azul magnetico a chamma phosphorecente da paixão impetuosa; a loira Eva, em toda a sua esculptural belleza pagã, modelada em um capricho de artista para tentar o homem, palpitava-lhe nos braços.

No dia seguinte, Alberto, soberbo da sua conquista e convicto do seu dever de homem honrado, perante a effusiva confiança de uma alma delicada e pura, que sem restricções lhe entregára todos os seus thesouros, tomou uma resolução.

Decidido a affrontar qualquer contrariedade, sentindo-se forte para supplantar qualquer obstaculo que se antepozesse á realisação dos seus mais caros votos, entrou no escriptorio do pae, um negociante aposentado, vivendo exclusivamente para o amor d'aquelle Benjamin, e declarou-lhe que queria casar-se, que era uma questão de honra, que esperava que o pae não se oppozesse.

O pae não se oppoz, feliz de sanccionar com a sua condescendencia e o seu dinheiro todos os appetites do filho.

Alberto apresentou n'esse mesmo dia Gracinda ao pae, e ella, timida, muito córada, tremula de commoção, beijou a mão do velho e chamou-lhe papá.

Gracinda era uma nervosa, uma desiquilibrada; tinha caprichos inexplicaveis, desigualdades de genio, incoherencias indefiniveis, phantasias verdadeiramente singulares.

Nos seus dias de humor cinzento, como diria Prospero de Merimée, Alberto, o bom e apaixonado Alberto soffria cruelmente, vendo-a entristecer sem motivo e retrahir-se, ave erradia, ao calido ambiente das suas caricias, para se absorver, silenciosa e pensativa, nas geladas regiões do devaneio, da inaccessivel altura do qual em vão tentava arrancal-a a sua dupla eloquencia de poeta e de amante.

Gracinda padecia, segundo ella affirmava, passada a crise, de uma vaga nostalgia, de uma devoradora sede de ideal, que lhe adoecia, no mesmo doloroso anceio, o corpo e a alma.

Elle achava-a seductora: a cabecinha loira olhando para o ceo, como as extaticas cabeças de Guido, o perfil alabastrino velado de uma ligeira sombra de melancolia, os cabellos soltos, envolvendo-a em espiras de oiro; e adorava-o, prostrado de joelhos, louco de ternura, encantado de a possuir, de lhe chamar sua, mesmo quando ella o torturava.

Na vespera do dia fixado para o casamento, Gracinda teve um capricho.

Appeteceu ir bordejar no Tejo, só com elle, em um barco, pequeno e veloz, que os embalasse como um berço.

Jurara que, se um dia amasse, iria, nos braços do seu idolo, contemplar essas duas forças da natureza soberana: o mar e o céo!

E eis ahi porque os dois vogavam na pequena aiola, negra como a aza de um corvo, leve como a penna de uma aza.

Alberto deitara-se-lhe aos pés, como um cão submisso, e Gracinda, reclinada na attitude indolente de uma sultana, as mãos esguias e brancas estrelladas de diamantes, afagava-lhe a cabeça, enrolando nos dedos os cabellos do amante e rindo doidamente, em uma effusão alegre, que transmittia á sua voz, resoando na luz opalina da tarde que morria, uma larga vibração argentina.

De repente, a aiola, que vogava ao acaso, sem governo, resvalando na superficie do rio calmo de uma limpidez amorosa, tocou em um barco.

Alberto e Gracinda, bruscamente arrancados ao seu extasis, ergueram-se e viram uma guiga, remada por meia duzia de rapazes de gorras escarlates e camisolas de flanella azul.

Uma gargalhada rebentou na guiga, explosindo como uma descarga. Logo, uma voz motejadora, cheia de ironias, gritou da guiga:

TRAZ-OS-MONTES (ARREDORES DE VILLA REAL)

—Olá! Gracinda, minha bella! Com que então ainda não perdeste a tineta do *barco á flôr do Tejo*?

Um dos rapazes largou o remo, e de pé, no meio da guiga, perguntou, com um riso mephistophelico:

—Esse, o teu... é o centesimo? manda dizer!

*
* *

E' por isso que o doutor Alberto***, que ficou para sempre curado da mania do idyllio e que pertence hoje ao refractario grupo dos celibatarios, odeia o Tejo, não querendo nunca mais sulcar as suas aguas de crystal, nem mesmo nos vapores do sr. Burnay.

GUIOMAR TORREZÃO.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO 21)

I

No convento

O toque da sineta do convento veiu pôr termo á hora da recreação e á conversa intima das duas educandas.

Clarinha e Elisa deixaram o seu crochet, puzeram-se de pé, e disfarçando, tanto quanto podiam, as variadas commoções que a troca das suas recordações saudosas d'um passado para sempre extincto tinha desenhado sobre os seus rostos juvenis e formosos, tomaram o seu lugar na fila das educandas que, capitaneadas pelas mestras, recolhiam do jardim e se espalhavam pelas differentes classes, que recomeçavam a funccionar.

As duas amigas eram as mais velhas das educandas — uma, a Clarinha, tinha a sua educação toda feita no convento; a outra, a condessinha, entrára ha muito pouco tempo, mas era muito viva, muito intelligente e fôra para ali já com os rudimentos d'uma solida educação, ensinados conscienciosamente, dedicadamente pelo abbade da sua terra, que a vira quasi nascer, que a baptisára e que desde muito pequenina começára a educal-a com um grande carinho paternal, com uma santa dedicação pela boa mãe de Elisa, que fôra sempre sua protectora desvelada.

O convento estava cheio agora de creanças. As mestras, fiando-se no adiantamento e no juizo das duas grandes, tinham-lhe dado o honroso cargo de decuriar as classes das principiantes. Eliza e Clara, ao mesmo tempo que eram ainda discipulas, eram já tambem um bocadinho professoras, e gozavam portanto d'uma certa consideração em todas as aulas, eram tratadas com attenções especiaes por toda a gente do convento.

Quando ia a começar a dar a licção de doutrina á sua classe, a condessinha foi chamada pela abbadesa.

Muito admirada, sem comprehender bem o que ella lhe quereria, foi logo ao chamamento, deixando Clara muito assustada com a novidade do caso, receiando já que, por qualquer eventualidade, Elisa fosse tirada do convento, e ella volvesse á sua triste solidão antiga.

—Sr.ª Abbadessa? perguntou cheia de curiosidade a condessinha, ao entrar na cella onde a velha freira a tinha chamado.

—Menina, diga-me uma coisa, interrogou a abbadessa, fitando muito Elisa, por detraz dos seus oculos fixos, e com uns visiveis ares de desconfiança.

—O que é, sr.ª Abbadessa?

—A menina tem algum irmão?

—Irmão? repetiu a condessinha, sentindo de repente uma enorme alegria. Irmão? Tenho, minha senhora, um!

—Um? E' exquisito! seu pae nem a menina nunca me fallarem n'elle!

—Não fallámos, minha senhora, porque meu irmão está ha muito tempo fóra.

—Ah! Está?

—Sim, senhora, foi muito novo para a Inglaterra, tão novo que eu nunca o vi.

—Então, não o conhece?

—Conheço por um retrato. Elle é que não me conhece a mim. Estava sempre a mandar pedir a mamã o meu retrato, mas nunca o tirei. Mas porque me faz essas perguntas? Quem lhe fallou em meu irmão? Sabe alguma coisa d'elle?

—Sei.

—O que? aconteceu-lhe alguma desgraça? perguntou a condessinha, empallidecendo.

—Não, não lhe aconteceu nada. Está alli.

—O que? Elle está em Lisboa?

—Está lá fora, á grade.

—Aqui? O meu irmão! O' que felicidade, que alegria! Vou finalmente conhecel-o.

—Mandou-me dizer pela rodeira que era seu irmão e que lhe queria fallar, mas como elle não vem com seu pae, e como nunca tinha ouvido fallar n'elle... não sabia se seria verdade ou não...

—E deixa-me fallar-lhe, deixa-me vêl-o, sim?

—Deixo, e vou com a menina...

—E posso levar commigo a Clara, sim? quero que elle a conheça tambem.

—Não sei para que. Clara não tem ninguem da sua familia em Lisboa; não tem quem a procure á grade.

—Mas peço-lhe eu, sr.ª abbadessa. Que mal faz ella em ir? Desejava que elle conhecesse aquella que é uma especie de minha irmã...

—Pois vá chamal-a, vá, cedeu a abbadessa, em attenção ás finezas que devia ao pae de Eliza, ao conde de Senedim, que levantára tão cavalheirosamente, com o seu exemplo, a excomunhão lançada por todos os paes de familia ao convento das *S.tes Divinas Chagas*, desde aquella escandalosa historia do capellão e da mestra de piano.

Ella foi n'um pulo, doida de alegria, chamar a sua boa Clara, a sua intima, para vir vêr seu irmão.

Clara não queria ir. Foi preciso a condessinha instar muito, amuar-se, escandalisar-se até.

Ali mettida havia oito annos, sem nunca vêr o mundo, assustava-a, amedrontava-a a idéa de se achar de repente exposta ás vistas d'um rapaz. Não conhecia ninguem senão as freiras do convento, o velho padre capellão, que a abbadessa tivera o cuidado de escolher decrepito, por causa das duvidas e das mestras, e muitas vezes pensando em que um dia seu pae a viria tirar d'ali, ficava muito envergonhada, toda tremula, ao lembrar-se d'esse dia, da sua entrada no mundo inteiramente novo para ella.

Mas Elisa instou muito, quasi que chorou, e Clarinha não teve animo para resistir mais; encheu-se de coragem, por um movimento perfeitamente instinctivo levou as mãos aos cabellos para os ageitar sobre a testa, deitou um olhar feminino, perfeitamente inconsciente, para o seu modesto vestidinho de educanda e foi muito córada, muito embaçada, pelo braço da sua amiga, até ao parlatorio, onde o irmão da condessinha esperava sua irmã.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO

A CASA QUEIMADA

(VERSOS INEDITOS)

Aquella casa que vêdes
Em cima d'uma esplanada,
E que tem só as paredes,
Inda, ha pouco, era habitada.

Tem agora um triste aspecto;
Porem diverso era, quando,
Pelas telhas do seu tecto
Andavam pombas em bando,

E dentro d'ella brincavam
Com vozerias e riso
Crianças que se rolavam
Pelo pavimento liso.

A avósinha na cadeira
De lavores primorosos
Assistia á brincadeira
Dos netinhos buliçosos.

Não faziam na floresta
Nem as aves, nem insectos,
Mais rumores, maior festa
Do que os jubilosos netos;

Mas ella em seu euchológio
Socegadamente lia,
Pontual, como um relogio,
Orações de cada dia.

Aquelle ninho encantado,
De voraz incendio preza,
Jaz agora abandonado.
Que silencio! que tristeza!

A. D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

O INVERNO ELEGANTE

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRINCEZA DAS ASTURIAS

Tem um não sei que, no olhar e na phisionomia, esta gentilissima creança, que nos falla vagamente de tristezas profundas, de presentimentos tenebrosos, de prophecias sinistras e medonhas.

Não brinca n'aquelles labios o sorriso despreoccupado e aberto das outras creancinhas da sua edade. N'aquelle pequenino rosto não brilha o traço luminoso, caracteristico das grandes alegrias da innocencia.

Parece que paira por sobre elle uma nuvem densa de tristeza a eclipsar-lhe os sorrisos infantis. Dir-se-ia que os olhos da gentil princeza estão afeitos ás lagrimas; que no seu espirito volita um sonho mau, povoado de sombras calliginosas.

Ha, emfim, n'aquelle semblante melancholico e n'aquella attitude pensativa, alguma coisa impropria dos cinco annos, que nos falla de maguas prematuras, de pensamentos negros e dolorosos.

A desventurada creança parece que prevê agitarem-se, em torno da sua infancia, desgraças e revezes sem conto. Sonda o futuro, e o futuro apresenta-se-lhe sob a forma d'um ponto d'interrogação sinistro e enorme, semelhando um cypreste junto d'um tumulo.

Como ella—a herdeira presumptiva do throno de S. Fernando—terá inveja das creancinhas pobres que sorriem e brincam descuidosas!

TRAZ-OS-MONTES (ARREDORES DE VILLA REAL)

A nossa gravura representa uma das mais formosas paisagens de Traz-os-Montes, nos arredores de Villa Real.

E' n'aquella provincia que se encontra a lindissima serra do Marão, a qual se deixa ver n,uma parte da gravura.

Os arredores de Villa Real são encantadores.

O INVERNO ELEGANTE

Uma *cocotte* ou uma princeza, mas, em todo o caso, uma visão do inverno elegante de Paris, do grande mundo onde se goza e vive, esquecido dos que choram e padecem no longo inverno tenebroso da desgraça e da miseria.

Lindissimo quadro e inspirado pincel o que o creou!

O PASSEIO DE S. PEDRO D'ALCANTARA, EM LISBOA

Este formoso passeio, um dos mais bellos da capital, assenta sobre uma alta muralha, construida em 1724, na mesma occasião em que se fez o aqueducto das Aguas Livres. O terreno em que elle se acha foi, durante muitos annos, um vasadouro dos entulhos provenientes dos desaterros para as novas edificações, em rasão de terem, n'aquella epoca, um diminuto transito a calçada da Gloria e a rua das Taipas.

Em 1752, os habitantes da cidade reclamaram officialmente contra a demora com que se faziam as obras da canalisação, porque o aqueducto só chegava então ao sitio do Rato, e não havia fontes para os outros bairros. A despeito d'esta reclamação, só d'ali a dois annos começou a correr agua no chafariz de S. Pedro de Alcantara.

D'este lindo e pittoresco passeio goza-se um panorama esplendido. Subposto a elle ha um pequeno jardim com alguns massiços de verdura e flores, e uma cascata. Encontram-se ali varios bustos de romanos illustres e de alguns portuguezes notaveis.

Actualmente, o Passeio de S. Pedro d'Alcantara é muito frequentado aos domingos, por ali irem tocar as bandas regimentaes da capital; mas a nova Avenida da Liberdade está destinada a roubar-lhe a concorrencia, depois de lhe ter roubado grande parte dos bancos.

A PRINCEZA MARIA AMELIA DE ORLÉANS, E O PRINCIPE WALDEMAR DA DINAMARCA

Casaram ha pouco mais de nm mez, no castello d'Eu, em França. A ceremonia nupcial, verdadeiramente principesca, e digna dos noivos, ecoou em toda a Europa, pela sua extraordinaria magnificencia, e foi descripta por todas as folhas do estrangeiro.

A princeza Amelia é filha da rainha Victoria, e reune á altissima nobreza de sangue a nobreza não menos apreciavel do coração. Casou por amor, o que não succede frequentemente entre personagens d'esta gerarchia. E' nova, formosissima, elegante, espirituosa, e, acima de tudo isto, um anjo de bondade.

O principe Waldemar é o sexto filho dos reis Christiano IX e Luiza Guilhermina Frederica, da Dinamarca. Nasceu em Copenhague, a 27 de outubro de 1858. Os seus 27 annos gentis e a sua esbelta figura mereciam bem as primaveras ridentes e embalsamadas da formosa princeza a quem se ligou para sempre. Tendo nascido um para o outro, é de crêr que o amor que os uniu lhes conceda uma lua de mel eterna.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

A nota do Papa é incrivel—1—2.
No mar tem o homem este peixe—1—1.
A mulher do official dansa—2—2.
Anda voando no mar—1—2.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

Busca este astro na pintura—2—1.
A mulher não é acompanhada por este homem—2—1.
Governa em torno da universidade—1—1.

Ajuda. J. FERNANDES.

EM VERSO

(AO HABIL CHARADISTA «DOMINÓ BRANCO»)

(Retribuição)

Minha prima com segunda
N'algum templo ha de encontrar;
Se comer prima e terceira,
Gostará, posso affirmar.

Ponha agora consoante
Entre a segunda e a terceira:
Acha deusa fabulosa,
Veja lá que brincadeira!

O conceito, facilmente
O meu caro charadista
Encontrará n'uma egreja,
Ou na mão d'algum sachristão.

Faro. SILVERIO A. DA CONCEIÇÃO.

'stá quietinho; não prosigas—2.
n'esse continuo girar!—2.
Não vês que, quanto mais giras,
mais e mais te has de apertar?

J. A. MARQUES.

ENIGMA

Ha muito que eu parafuso
N'um enigma d'estalo,
Que dê echo em todo o mundo,
Que a Portugal cauze abalo!

E, sempre a parafusar,
No enigma sonhado,
Eu posso exclamar:—Eureka!
Porque o tenho encontrado.

Tem doze lettras, não mais,
Sendo seis as consoantes,
E, vogaes,—isso é bem claro—
Todas as outras restantes.

Seis vogaes! isso é mentira!
Uma só conta o leitor;
Porque as outras são o fructo,
D'um sonhado e terno amor!

Duas, quatro, seis e oito,
Com dez e doze tambem,
São as mesmas já descriptas,
E, filhas d'uma só mãe!

As consoantes resumem-se
De seis, a duas somente,
Sendo quatro de valor,
Pr'a o gatuno diligente.

Sete, nove, trez e prima,
No algarismo romano;
Representa o capital
Deixado por um Germano

Quinta e decima primeira,
E' lettra de pirinola;
Que se applica muitas vezes,
Ao estudante patola!

Divida leitor, agora,
Pelo meio as duas partes,
E verá em ambas, planta,
Sem usar de *malas* artes.

O todo, pois, inda é planta!
Vejam que grande embrulhada,
Vos deu o pacato auctor,
D'esta tamanha massada!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

ADIVINHAS POPULARES

Eu sou filho d'um ladrão,
Minha mãe tambem é ladra:
O mesmo vicio me quadra
Por sahir á geração.

Ando-me sempre a esconder,
Só porque ninguem me veja;
Quem a morte me deseja
E' que me dá de comer.

Os passos que dou vigia
Ladrão mais grave que eu,
Unico flagello meu,
Seja de noite ou de dia.

Passei por muitos janeiros
Quando eu outra fórma tinha,
Até que meu dono viu
Que eu assim lhe não convinha.

Uma cousa que onde chega
Bota o que encontra a perder,
Quando me quer extinguir
E' que me dá novo ser.

D'elle recebo o valor
Que me faz ser procurado;
Para gente que tem posses
Vou-lhe a casa amortalhado.

PROBLEMA

Pedro e Manoel foram jantar ao jardim Zoologico, aonde chegaram ao mesmo tempo, tendo o primeiro partido de Belem na mesma occasião em que o segundo partiu da Porcalhota Sabe-se que Pedro, quando encontrou Manoel, tinha andado 3 kilometros mais que elle, e que, depois do jantar, cada um dos convivas, andando com a mesma velocidade que anteriormente, se dirigiu para o lugar d'onde o outro tinha partido, e pelo mesmo caminho, chegando Pedro a este lugar no fim de 1 hora, e Manoel quando eram decorridas 2 horas $^1/_4$. Pergunta-se qual a distancia total andada pelos dois viajantes, o tempo necessario para cada um d'elles a percorrer, e as velocidades de que se achavam animados.

M. D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Lusiadas—Chronometro—Porta-bandeira—Morcella—Baioneta—Prolixo—Cana da-Cavallaria.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Ventarola—Magnolia—Arpejo—Pegaso—Pancadaria—Parlamento.

DA CHARADA MUSICAL:—Solfa.

DO LOGOGRIPHO:—a, e, i, o, u.

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Esponja—Dobadoira.

DO PROBLEMA:—Supponhamos que o numero pensado está nas columnas primeira, segunda e quinta. No systema binario aquelle numero é 10011, o qual corresponde a 1+2+16=19 no systema ordinario.

O numero procurado é, pois, 19.

A RELIQUIA

(GUY DE MAUPASSANT)

Meu caro abbade:

Acabo de romper o meu projectado enlace com tua prima, da maneira a mais imbecil, por causa de um desastrado gracejo feito á minha noiva quasi involuntariamente.

No embaraço em que me vejo, recorro a ti, meu velho amigo, porque só tu me pódes tirar de semelhante difficuldade. Pelo que te ficarei reconhecido até á morte.

Tu conheces Gilberta, ou antes, julgas conhecel-a, pois que ás mulheres ninguem as conhece nunca. Todas as suas opiniões, crenças e idéas são verdadeiras surprezas. Tudo isto é cheio de antitheses, de imprevisto, de raciocinios impenetraveis, de uma logica contradictoria, de teimosias que cedem só porque uma avesinha veiu pousar no peitoril de uma janella.

Escuso de dizer-te que tua prima, educada n'um convento de Nancy, é em extremo religiosa.

Sabes isso melhor do que eu. Mas o que certamente ignoras é que ella é exaltada em tudo, como o é na devoção. Doideja-lhe a cabeça á maneira de uma folha arrebatada pelo vento; e como mulher, ou antes, como donzella, mais que nenhuma outra tão depressa commovida como enfadada, ora parte a galope para o amor ora para aversão, e da mesma fórma retrocede; e é bonita... como sabes; e encantadora, mais do que se póde exprimir... e como tu jámais o saberás.

Eramos, portanto, noivos; eu adorava-a como a adoro ainda, ella parecia amar-me.

Uma noite recebi um telegramma, em que me chamavam a Colonia para uma consulta, a que talvez se seguisse uma operação grave e difficil. Como devesse partir no dia immediato, fui logo despedir-me de Gilberta, e communicar o motivo porque só no sabbado, dia do meu regresso, jantaria em casa de meu futuro sogro. Oh! acautella-te com os sabbados, asseguro-te que são funestos!

Quando fallei da minha partida vi brilhar uma lagrima nos olhos de Gilberta; mas ao annunciar a minha proxima vinda, ella bateu as mãos e exclamou: «Que felicidade! hasde trazer-me qualquer coisa: uma ninharia, uma simples lembrança; mas uma lembrança escolhida para mim. Tens de descobrir o que mais me agradará, entendes? Verei se tens imaginação.»

Reflectiu alguns segundos, depois accrescentou: «Prohibo-te que dispendas mais de vinte francos. Quero ser surprehendida pela intenção, pela ideia e não pelo preço.» Depois, em seguida a um novo silencio, disse a meia voz e com os olhos baixos: «Se o que me trouxeres te não custar dinheiro, e fôr muito engenhoso, muito delicado, dar-te-hei... um abraço.»

No dia seguinte estava em Colonia. Tratava-se de uma horrivel desgraça, que punha uma familia inteira em situação desesperada. Era urgente effectuar uma amputação. Indicaram-me os meus aposentos e quasi que me aprisionaram; não vi senão pessoas em lagrimas e em queixumes que me ensurdeciam; operei um moribundo prestes a expirar entre as minhas mãos; conservei-me duas noites junto d'elle; depois, quando lhe percebi umas ligeiras melhoras, fiz que me conduzissem á gare.

Enganara-me, porém, e tinha ainda de esperar uma hora. Entrei a vaguear pelas ruas, pensando ainda no meu pobre enfermo, quando se approximou de mim um individuo.

Eu não sei o allemão; elle ignorava o francez: afinal comprehendi que me offerecia reliquias. Veio-me á ideia a lembrança de Gilberta; eu conhecia a sua devoção fanatica. Estava achado o meu presente. Segui o homem a uma loja de objectos religiosos, e escolhi um pequeno fragmento de um dos ossos das onze mil virgens.»

A pretendida reliquia estava encerrada n'uma bocetinha de prata antiga, que decidiu a minha escolha.

Guardei o objecto na algibeira, e subi para o wagon.

Entrando em minha casa, quiz examinar de novo a compra que fizera. Tirei-a para fóra .. A caixa estava aberta, a reliquia perdera-se. Fartei-me de a procurar na algibeira, que virei do avesso; o ossosinho, do tamanho de metade de um alfinete, desapparecera.

Tu sabes, meu caro abbade, que eu tenho uma fé mediana; a grandeza da tua alma, a tua amizade, fazem com que toleres a minha frieza, e me deixes livre, esperando o futuro, como dizes;

A PRINCEZA MARIA AMELIA DE ORLEANS

O PRINCIPE WALDEMAR DA DINAMARCA

mas sou absolutamente incredulo no que respeita a reliquias dos que negoceiam com objectos de piedade, e a este respeito partilhas tu as minhas completas duvidas. Portanto, a perda d'aquelle bocadito de ossada de carneiro, nada me contrariou, e sem custo procurei um fragmento analogo, que colloquei cuidadosamente dentro da minha joia.

E dirigi-me a casa da minha noiva.

Ella, assim que me viu entrar, embargou-me o passo, anciosa e cheia de jubilo.

«O que foi que me trouxeste?»

Fingi que me esquecera; não acreditou. Deixei-a pedir, supplicar até; e quando reconheci que estava perdida de curiosidade offereci-lhe o santo medalhão. Ficou cheia de alegria. «Uma reliquia! Oh! uma reliquia!» E beijava apaixonadamente a boceta. Tive vergonha da minha fraude.

Assaltou-a, porém, uma desconfiança, que em breve se converteu n'um terrivel receio, e fixou-me com um olhar investigador:

—«Estás bem certo de que seja authentica?»

—Absolutamente certo.

—Porque?

Sentia-me perplexo. Confessar que tinha comprado aquelle osso a um vendilhão ambulante era perder-me. Que dizer? Atravessou-me o espirito uma idéa disparatada, respondi em voz baixa, n'um tom mysterioso:

—Roubei-a para ti.

Ella contemplou-me com os seus grandes olhos, maravilhados e absortos. «Oh! roubaste-a, onde?

—Na Cathedral, no proprio relicario das onze mil virgens.»

O coração batia-lhe com violencia. Doida de felicidade, murmurou:

«—Oh! tu fizeste isso... por minha causa? Conta-me, dize me tudo!»

Decididamente, não podia recuar. Inventei uma historia phantastica, com pormenores surprehendentes e minuciosos. Dera cem francos ao guarda do edificio para o visitar sósinho; o relicario estava em obras; tinha ido exactamente á hora do almoço dos operarios e do corpo ecclesiastico; levantando um caixilho que em seguida repuz cuidadosamente, consegui apoderar-me de um ossinho (tão pequeno!) no meio de um sem numero de outros. (Disse um sem numero, pensando no que devem produzir os despojos de onze mil esqueletos de virgens) Em seguida dirigi-me a um ourives, e comprára uma joia digna da reliquia.

Não tinha duvida em lhe dizer que o medalhão me custára quinhentos francos.

Ella, porém, não pensava n'isso: escutava me fremente, extasiada, e murmurou: «Como eu te amo» e deixou se cahir nos meus braços.

Repara n'isto: Eu commettera, por causa d'ella, um sacrilegio. Tinha roubado, violado uma egreja, violado um relicario, violado e roubado reliquias sagradas. Por tudo isso, ella adorava-me, achava-me terno, perfeito, divino. São assim as mulheres, meu caro abbade, todas as mulheres.

Durante dois mezes fui o mais admiravel dos noivos. Ella organisára no seu quarto uma especie de capella magnifica, para ahi collocar aquelle fragmento de costella, que me fizera commetter, segundo ella pensava, esse divino crime de amor, e exaltava-se perante elle de dia e de noite.

Pedira-lhe segredo, pois receiava, conforme lhe dizia, ser preso, condemnado, e entregue á Allemanha. Ella cumprira a promessa que me fizera

Succedeu, porém, que no começo do estio a assaltou o louco desejo de vêr o local da minha exploração. Tanto e de tal maneira instou com seu pae (sem lhe confessar o motivo secreto) que elle levou-a á Colonia, occultando-me esta excursão. segundo o desejo de sua filha

Escuso de te dizer que não vi por dentro a cathedral. Ignoro onde está o tumulo (se acaso ha tumulo) das onze mil virgens. Parece que esse sepulchro é inacessivel!

Oito dias depois, recebi dez linhas desligando-me do meu compromisso, e uma carta explicativa do pae, confidente tardio.

Em presença do relicario comprehendera ella logo a minha fraude, a minha mentira, e ao mesmo tempo a minha evidente innocencia. Tendo perguntado ao guarda das reliquias se se praticára algum roubo, o homem pozera-se a rir, demonstrando a impossibilidade de um semelhante attentado.

Mas, desde o momento em que eu não violára um logar sagrado, nem mergulhára a minha mão profana no meio dos despojos veneraveis, não era já digno da minha loira e delicada noiva.

Prohibiram-me a entrada da casa. Fartei-me de pedir, de supplicar, nada conseguiu enternecer a bella devota.

Adoeci de pesar.

Ora, a semana passada, a prima de Gilberta, que tambem o é tua, a senhora d'Arville, pediu-me que a fosse procurar.

Eis as condições do meu perdão. E' preciso que eu obtenha uma reliquia verdadeira, authentica, attestada pelo Santo Padre, de qualquer virgem martyr.

Estou doido de embaraço e de inquietação.

Irei a Roma, se fôr necessario. Mas não posso apresentar-me ao Papa, de imprevisto, e contar-lhe a minha tola aventura. Depois, eu duvido que se confiem aos particulares verdadeiras reliquias.

Não poderias tu recommendar-me a qualquer bispo, ou pelo menos a algum prelado francez, possuidor de fragmentos de uma santa? Não terás tu mesmo, nas tuas collecções, o precioso objecto reclamado?

Salva-me, meu caro abbade, que eu prometto-te converter-me dez annos mais cedo.

A sr.ª d'Arville, que toma a coisa a serio, já me disse: «A pobre Gilberta não se casará nunca».

Deixarás tu, meu bom amigo, que tua prima morra victima de uma estupida superstição? Supplico-te que faças com que ella não seja a undecima millesima primeira.

Perdoa, eu sou indigno, mas abraço-te e estimo-te de todo o coração.

Teu velho amigo — *Henrique.*»

MAGALHÃES FONSECA.

CURIOSIDADES

CATALEPSIA E SOMNAMBULISMO
A MORTE APPARENTE

N'um magnifico trabalho, ultimamente publicado em França, sobre a catalepsia, encontrámos descriptos alguns casos curiosissimos d'esta mysteriosa enfermidade, especie de morte falsa, que expõe os que a padecem á mais horrivel das mortes verdadeiras: —a morrer por asphixia, sendo enterrado vivo.

A catalepsia geral é muitissimo conhecida. Todos os symtomas da vida desapparecem, e o corpo permanece, durante muito tempo,—ás vezes durante mezes inteiros,—como se realmente houvesse sobrevindo a morte.

A catalepsia parcial apresenta os mais raros phenomenos. Mr. Dumontpellier fazia cahir uma enferma em somnambulismo, bastando para isso applicar-lhe a mão sobre o ventre. Depois mandava-a procurar todos os objectos necessarios para fazer meia, e a enferma obedecia immediatamente, começando o seu trabalho. Mediante uma nova pressão na região lateral esquerda do ventre, os movimentos da mão esquerda cessavam logo, e a direita continuava movendo-se; outra pressão no mesmo ponto lateral esquerdo, devolvia á mão os seus movimentos, e a somnambula continuava a fazer meia.

No trabalho a que acima nos referimos, apresentam-se como novos os seguintes factos:

Se se unirem as mãos d'um cataleptico, como para rosar, no seu rosto reflectir-se-ha logo o recolhimento de quem se entrega á oração, e a sua attitude será supplicante. Se lhe estendermos o braço, cerrando lhe o punho n'uma attitude ameaçadora, a sua physionomia exprimirá immediatamente colera e ameaça. Collocando-lhe as mãos na attitude de quem leva um grande peso, ou de quem vae luctar, o rosto do cataleptico tomará logo a expressão habitual n'estes actos.

O enfermo é absolutamente passivo e recebe as mesmas impressões de qualquer que lh'as faça sentir, seja este quem fôr.

Os doutores francezes, Dumontpellier e Berillon fizeram juntos uma curiosa experiencia. Pozeram um enfermo em estado de catalepsia. Um d'elles collocou a extremidade dos dedos da mão esquerda nos labios do paciente, e imprimiu um beijo no braço do mesmo lado d'este. O enfermo repetiu immediatamente o movimento, e ao mesmo tempo que enviava beijos com a mão esquerda, toda esta parte da sua phisionomia parecia alegre e sorridente. Depois d'isto deu-se ao braço e á mão direita a attitude de espanto, e todo o lado direito do rosto appareceu horrorisado.

Ao despertar, o doente não se lembrava de cousa alguma.

Se fizermos ouvir a um somnambulo um trecho de musica sentimental, ou lhe recitarmos alguns versos apaixonados, manifestar-se-lhe-ha logo no rosto uma impressão de tristeza. Se lhe taparmos com muito cuidado o ouvido direito, e lhe recitarmos ao esquerdo a descripção d'uma scena agradavel, sorri; se lhe destaparmos o ouvido tapado e lhe descrevermos uma scena horrivel, todo o lado direito manifestará horror, ao passo que o esquerdo denunciará satisfação.

Os exemplos d'estas impressões oppostas, recebidas e manifestadas simultaneamente pelos catalepticos, são numerosissimos e poderiamos continuar a cital-os, se o espaço nos não faltasse.

* * *

O cholera, com os seus casos de morte apparente, deu agora novo impulso aos estudos para fazer voltar á vida os seres que parecem privados d'ella.

Diz o doutor Richardon que, rãs envenenadas com toxicos energicos, recuperaram a vida depois de nove dias de morte apparente.

A um cão, morto por uma doze fortissima de chloroformio,

deu-se vida combinando uma circulação artificial com uma respiração tambem artificial.

Agora, dizem alguns phisiologos que o mesmo que se pratica com os animaes poderia realisar-se tambem com os seres humanos, se houvesse meio de fazer as devidas experiencias.

Os homens da sciencia tratam, nem mais nem menos, d'arrancar á natureza o segredo da vida, sustentando a theoria de que a morte, emquanto os orgãos estiverem intactos, não é senão uma suspensão mal curada da mesma vida, e que, por conseguinte, ha meio de prolongar quasi indefinidamente a existencia.

A vida—dizem elles—é um relogio. Emquanto não tiver nenhuma peça partida, póde trabalhar. A questão está em descobrir um bom relojoeiro que ponha de novo em andamento a machina, quando ella parar por descuido ou entorpecimento casual.

O problema é verdadeiramente grave, e não sabemos até que ponto possam ser viaveis as theorias d'estes homens de sciencia.

De todos os modos, são dignas de respeito as suas investigações, que, por insignificantes resultados praticos que produzam, operariam uma revolução completa na medicina.

NAUTILUS.

MINA, A CEIFEIRA

(CONCLUSÃO)

Na manhã seguinte a má sorte começou a perseguir os viajantes. As montanhas, á sua approximação, elevavam-se de repente; os barrancos transformavam-se em terriveis precipicios. Mil accidentes diversos impediam a marcha; mil demoras de toda a especie perseguiam os emigrantes: parecia que nunca chegariam ao fim da viagem.

—Todos os maus duendes nos perseguem!...—exclamou Daniel no cumulo do desespero.—E se continuam assim, d'aqui a pouco tempo não teremos forças para luctar com estes damnados trasgos do inferno!

Ouvindo isto, Satanac Diabolicous começou a rir com aquelle estranho riso que havia já aterrorisado um pouco o bailio, quando este se viu em frente do bode da montanha.

Em compensação, a gentil Mina reanimava o rei das cearas com um angelico sorriso, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

—Paciencia, meu amigo, paciencia... Bem depressa chegaremos ao paiz onde as escovinhas e as margaritas esmaltam os campos de trigo, e, não o ignoraes, Daniel, as minhas madrinhas, as margaritas, são boas fadas... assim como os meus padrinhos são poderosos genios, sem contar as papoulas, que são duendes, mas duendes protectores do trabalho e do amor....

IV

Com effeito, logo que desceram para as planicies, a viagem retomou o seu curso natural, os emigrantes caminharam sem difficuldade.

Mas, como já tinham perdido bastantes dias, era necessario accelerarem o passo, a fim de não chegarem tarde.

Mina, sobretudo Mina, começava a temer de não chegar a tempo com os dez escudos do bailio.

Chegaram emfim a Beauce, e, com grande ardor, deram começo á ceifa.

Mas, oh desgraça! o trabalho avançava lentamente, e o tempo decorria depressa.

Foi então sómente que Mina comprehendeu que existia alguma coisa de verdadeiramente maravilhoso em Satanac Diabolicous. O côxo idiota, que parecia não se cançar tanto como qualquer dos seus companheiros, pelo menos na apparencia, ceifava, elle só, tantos feixes de trigo como todos os outros reunidos.

A loura joven examinou-o mais attentamente.

Satanac possuia uma certa foice, que ceifava uma geira inteira d'um só golpe.

—Ah!—suspirou Mina.—Os meus velhos paes salvar-se-iam para sempre da miseria, se essa miraculosa foice me pertencesse...

—Toma! dou-t'a...—disse Diabolicous rindo.—Mas com a condição de que cortarás sem misericordia todas as flores das cearas que até aqui te tenho visto poupar com amor...

Com effeito, nunca Mina tocava nas papoulas, nas escovinhas e sobretudo nas margaritas.

—Matar as minhas amigas... os meus padrinhos... as minhas madrinhas?... Oh, não! não!—exclamou ella.

—Tanto peior para ti...—escarneceu Satanac.

Mas Mina continuou a ceifar com a sua simples foice.

Na manhã seguinte, contando pelos seus bonitos dedinhos atrigueirados pelo sol, a lourinha notou aterrorisada que eram passados dois mezes e meio desde a sua partida, e que apenas restava o tempo necessario para voltar.

—Acceita a minha foice...—assobiou-lhe Satanac ao ouvido.—E, nas tuas mãos activas, esta noite a ceifa terminará...

Mina recusou como da primeira vez.

V

Decorreram alguns dias, dias d'aquelles que são seculos para a impaciencia. E a joven, olhando o horisonte, via com desespero que havia ainda espigas a ceifar para uma semana, pelo menos.

Por consequencia, a volta á terra era impossivel antes do fatal prazo; a cabana seria vendida pelo bailio, a desgraça dos seus velhos paes era inevitavel.

—Eh! eh! ria a seu lado o côxo Satanac.—Para evitar tudo isso, não tens mais do que acceitar as minhas condições, e a rainha das foices passará no mesmo instante das minhas para as tuas mãos.

Na noite, a pobre loirinha sonhou que seus paes morriam de fome e de frio sobre a neve.

E na manhã seguinte acceitou a proposta de Diabolicous.

Então, todos a viram avançar, pallida, tremula, com os seus bellos olhos cheios de lagrimas, pelo meio da ceara. Todos a viram hesitar, fechar os olhos, e cortar a primeira das pobres florinhas, murmurando baixinho:

—Perdão, minha amiga Papoula!

E pela haste pendente da papoula, julgou-se ver deslisar uma gotta de sangue

—Perdão! perdão, Escovinha!—proseguiu Mina soluçando.

E quando caiu a terrestre estrella côr do ceo, a joven pareceu-lhe ouvir um pequeno suspiro de agonia.

Mas... quando a foice encontrou a primeira margarita dos campos...

Então... d'esta vez Mina não teve coragem de pedir perdão, não poude levantar a foice, não poude ferir...

E Mina proseguiu no seu caminho, poupando, como outr'ora, papoulas, escovinhas e margaritas, faltando assim á palavra dada.

—Tanto peior!—dizia ella—Tanto peior para o malefico capricho do sr. Satanac Diabolicous...

Mas, não havia ainda dado trinta passos, quando todos os seus companheiros, proximos uns dos outros, se voltaram de repente para ella, soltando um grande grito de satisfação e de raiva.

Admirada, tremula e confusa, Mina olhou em redor de si.

O' desgraça! todas as espigas ceifadas havia um mez em Beauce, tinham se levantado ao mesmo tempo; e as que Mina acabava de ceifar n'aquelle instante, endireitaram-se a pouco e pouco, com os movimentos da perguiça de quem que disperta d'um voluptuoso somno.

—Eis o que se ganha em não se cumprirem strictamente as condições d'um pacto feito com o diabo!—motejou ruidosamente Satanac.

—A' morte a ceifeira!—vociferaram de todos os lados os emigrantes exasperados.

—A' morte a foice!—exclamou immediatamente Daniel Arous—E *vade retro Satanaz* ao maldito genio que lançou entre nós este talisman do inferno!

E ao mesmo tempo, com uma mão quebrou o instrumento maldito, emquanto que com a outra expulsava Diabolicous.

A foice elevou-se nos ares como se fôra um bocado de lã, e Satanac fugiu, depois de ter feito uma careta digna de Calibau.

Mas os pregos dos seus tamancos tinham profundamente semeiado na terra a diabolica raiz que faz com que ninguem encontre mais o caminho a seguir.

De fórma que os emigrantes, quando a desgraçada ceifa terminou, perderam-se completamente n'um tortuoso dedalo que parecia querer retel-os prisioneiros para sempre.

O ultimo dia dos tres mezes chegou, assim como a ultima hora.

Todas as andorinhas das cearas tinham inutilmente despregado as suas azas. Daniel Arous chorava de raiva, e Mina a loura, depois de ter alternativamente implorado a todos os santos do paraizo, murmurou com accento desesperado este supremo rogo:

—Não ouso dirigir-me a vós, minhas antigas amigas papoulas, que me protegestes durante a viagem, e a quem paguei com a mais negra ingratidão... Não me sínto digna de vos chamar em meu soccorro, ó minhas formosas escovinhas, que quizestes dar côr aos meus olhos azues... Mas vós, minhas queridas madrinhas, vós, minhas bellas margaritas, cuja verde haste respeitei... oh! vinde, vinde em meu soccorro, e, ainda que não tenha ante mim mais do que uma hora, fazei com que eu chegue a tempo de salvar a choupana de meus paes!...

VI

Apenas Mina terminou este tocante rogo, todas as margaritas de Beauce se transformam n'uma radiante legião de brancas fadas, sorridentes, no meio das papoulas e escovinhas, que, ainda que igualmente metamorphoseadas em garridos genios de penachos escarlates e azues, conservavam sob esta forma um pequeno ar de bondoso rancor, o que, verdadeiramente, não lhes ficava mal.

—Mina—disse a rainha das margaritas com uma harmoniosa voz que harpas invisiveis acompanhavam ao longe—Mina, és uma casta e laboriosa afilhada... Não quizeste sacrificar-nos á tua felicidade, e, ainda que estropiaste alguns dos teus padri-

nhos, como lhes pediste perdão, elles perdoar-te-hão, estou certa, logo que estejam restabelecidos... Quanto a nós, devemos-te todo o nosso reconhecimento, e vaes vêr como recompensamos o serviço que nos prestaste...

Immediatamente saiu da terra um estranho corsel, cuja crina era de fumo, os olhos de fogo, e que saltava até ás nuvens, sem que se podesse conhecer se tinha azas ou pés.

—Monta sem receio.. —proseguiu a rainha das fadas— Monta, e chegarás a tempo á choupana paternal.—Boa viagem, Mina, e que sejas feliz!

—E Daniel?—observou timidamente a joven, que já se achava sobre o estranho cavallo—E Daniel, que me protegeu durante a viagem, e que generosamente juntou os seus cinco aos meus cinco escudos?

—Eis Daniel!—fez a rainha sorrindo—Somos ao mesmo tempo as flôres e as fadas do amor.

Um segundo corsel appareceu, mas sem fogo, nem fumo, e que, com os dentes, desprendeu a cauda do primeiro. Daniel Arous apressou-se a saltar para cima d'elle.

—E as minhas companheiras?—disse ainda a generosa Mina—As minhas pobres companheiras, que egualmente estão mortas de fadiga, e que, como eu, procuram amigos e parentes que as esperam?

—Eis as tuas companheiras!...—respondeu a graciosa fada.—Nós outras, quando favorecemos alguem, levamos sempre a generosidade até ao fim.

E subitamente surgiram da terra tantos estranhos cavallos quantas eram as andorinhas das cearas.

—Mina—concluiu então a fada—estou contente comtigo, e o ultimo desejo do teu coração merece tambem a sua recompensa... Vamos carregar sobre um cavallo tantos grãos de trigo quantos forem necessarios para enriquecer os campos de Ariège...—Quanto á tua fortuna, como á tua felicidade pessoal, isso pertence ás tuas madrinhas.

O PASSEIO DE S. PEDRO D'ALCANTARA, EM LISBOA

Então, todas as gentis flores se abaixaram para o solo e apanharam os grãos de trigo necessarios para encherem uma especie de celleiro volante, que muito se assemelhava aos nossos modernos wagons. Em seguida, todas ellas se transformaram em *bouquets* e em grinaldas, a fim de ornarem este interminavel comboio; de fórma que, quando tudo se pôz a caminho para o Meiodia, dir-se-ia uma nuvem de papoulas, e de margaritas, que a galope atravessava o espaço.

VII

A' meia noite, precisamente quando expirava o terrivel praso, Mina entrava na cabana que a vira nascer.

Tres mezes depois, quando terminou a prorogação do pacto infernal, a loura ceifeira era a rica e venturosa esposa de Daniel Arous. Felizmente para o bailio, o tratado com o diabo executou-se á lettra, como uma lei ingleza.

Ora, estava escripto que Satanaz o devia arrebatar pelos cabellos, e o corpolento magistrado era calvo.

O que fez com que Satanac Diabolicous não levasse para o nferno senão a cabelleira do bailio...

D. Izabel Maria Lopes de Mendonça.

A RIR

O sr. F. nasceu para ser enganado.

Sabendo que sua esposa faltou aos deveres conjugaes, entra em casa com ar magestoso:

—Explique-se, minha senhora, diz-lhe elle.

Ella, toda tremula:

—Passeiava no campo e encontrei-o. Elle supplicou, ameaçou, e por fim não sei dizer mais nada. Não podia voltar do meu espanto...

—Não podia voltar! E para que servem então as carruagens e os caminhos de ferro?

UM CONSELHO POR SEMANA

BRANQUEAMENTO DAS ESPONJAS

Para branquear as esponjas, introduzem-se estas, primeiro, n'um banho d'acido muriatico, onde se deixam estar por espaço de doze horas; em seguida, lavam-se muito bem em agua pura, e depois mergulham-se n'uma dissolução de hyposulfito de soda, á qual se tem juntado, momentos antes, uma quarta parte d'acido muriatico diluido.

Bem depressa as esponjas ficarão brancas, bastando depois laval-as de novo em agua pura e seccal-as ao ar.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa